



cerj

ANO:42 Nº 457 JUNHO. 1980

centro excursionista rio de janeiro



SAYAN

UMA ÍNDIA ALIMENTA UM FILHOTE DE PASSARINHO - MATO GROSSO - BRASIL

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de Utilidade Pública (Decreto-Lei da Assembleia Legisl.)

Membro Fundador da Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro

Boletim nº 457 - ano 42 - junho de 1980

EDITORIAL

A diretoria do CERJ conseguiu realizar mais um evento social importante, reunindo cerca de cinquenta associados de todas as gerações, num gostosíssimo churrasco no Bom Retiro.

A mobilização dos cerjenses se reunindo numa autêntica equipe, com churrasqueiro, limpador de carne, cobrador de taxas, organizador geral e outros, possibilitou o sucesso da excursão.

Simultaneamente, foram programadas excursões pela Floresta da Tijuca, Agulha da Gávea, Morro da Dona Marta (inauguração de mais uma conquista) evidenciando que é possível atender aos diversos tipos de demanda que somos solicitados.

Tudo isso tem se tornado possível devido o auxílio de alguns cerjenses experientes, mais antigos, que tem dado a sua parcela de contribuição participando de nossas atividades técnicas.

O encontro entre os sócios novos e antigos proporciona a coesão necessária que sempre fortaleceu o CERJ e da qual não podemos prescindir. O lucro da excursão (Superior à Cr\$ 6000,00), embora importante, é apenas uma consequência.

Portanto, parabéns a todos os cerjenses que nos tem prestado o apoio indispensável para prosseguirmos na luta pelo CERJ de sempre.

A Diretoria

CARTA AO LEITOR

Companheiros cerjenses,

O Lema do CERJ, previsto no capítulo XXI, artigo 76, letra e, dos Estatutos do CERJ, é bastante claro: "Conhecer o Brasil".

Essa orientação tem implicações bastante gerais, devendo esse conhecimento abranger não somente aspectos geográficos e físicos (como o conhecimento dos lugares, caminhadas e montanhas), mas também o conhecimento de nossa cultura, nossos problemas, nossa fauna e flora e o conhecimento de nossa história. Desse modo estaremos sendo coerentes com o que preconiza o nosso Lema: "Conhecer o Brasil".

Assim sendo, sem descuidar do montanhismo, que é a nossa principal atividade, vamos vez por outra, dedicar nosso Artigo de Capa, a assuntos que aparentemente não são muito correlacionados com o montanhismo. Contudo, esses assuntos, frequentemente estarão ligados aos problemas de preservação do meio ambiente, e em última instância, de acordo com o Lema do CERJ.

Prosseguiremos assim, no sentido de oferecer aos cerjenses um boletim dinâmico e diversificado, mas dentro da filosofia do excursionismo, e gradativamente a cada mes melhor e com mais informação.

A concretização dos nossos ideais vai depender da participação, crítica inclusive, no sentido de fazer do boletim mensal do CERJ, mais uma forma de união dos cerjenses.

Seguindo esse raciocínio, dedicamos nosso Artigo de Capa desse mes aos índios. Nossos irmãos que vivem em harmonia com a natureza, que tem muito a nos ensinar e que precisam ser respeitados.

Saudação Excursionista

Luiz Fernando Sayão, Diretor de Divulgação do CERJ

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO. Av. Rio Branco, 277/805
 Programação de excursões para o mes de junho de 1980.

dia	excursão	classificação	guia
01 DOM	Paredão Cervino	2º grau	Tetinho
01 DOM	Paredão Manoel Alves	4º grau	Maurício
07 SAB	Paredão XV de Novembro	2º grau	Leuzinger
07 SAB	Dede de Deus, Face Leste obs: encontro às 6:00 horas no hall do Edifício São Borja. Taxa: Cr\$ 150,00	2º grau	Elton
08 DOM	Paredão Hilton de Oliveira	3º grau	Maurício
14 e 15 SAB/DOM	Travessia Petrópolis- Teresópolis	caminhada pesada	Helio Paz
15 DOM	Maria Comprida	caminhada pesada	Vavá
21 SAB	Paredão As de Espada	5º grau	Jogo da Bola
21 SAB	Chaminé Gallotti	5º grau	Cladinho
21 SAB	Paredão da Amizade	5º grau	Vavá e Maurício
22 DOM	Paredão Escarlata	3º grau	Maurício
28 SAB	Paredão Papa-Pedra	3º grau	Juratan
28 e 29 SAB/DOM	Travessia Petrópolis- Teresópolis	caminhada pesada	Vavá

Essa é a programação mínima para o mes de junho. Outras escala-
 das e caminhadas, são marcadas às sextas feiras na sede do CERJ.

Dos "POEMAS INCONJUNTOS" de Alberto Caieiro:

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas -
 Que felicidade é essa que pareces ter - A tua ou a minha ?
 A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te ?
 Não, nem a ti nem a mim, pastor.
 Pertence só à felicidade e à paz.
 Nem tu a tens, porque não sabe que a tens.
 Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
 Ela é só, e cai sobre nós como o sol
 Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra cousa
 indiferentemente,
 E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

(Fernando Pessoa, 1919)

CANOA, CANOA

(música de Nelson Angelo e Fernando Brant)

Canoa, Canoa desce no meio do Rio Aaraguaia desce
 No meio da noite alta da floresta
 Levando a solidão e a coragem, dos homens que são
 Ava Avacanoê
 Ava Avacanoê

Avacanoeiro prefere as águas, Avacanoeiro prefere o rio
 Avacanoeiro prefere os peixes, Avacanoeiro prefere remar
 Ava prefere pescar, Ava prefere pescar

Dourado, arraia, grumatá, piracará, pira-andirá
 Jatuarana, taiabucu, piracanjuba, peixe-mulher.

... "NÃO DEIXEM ACABAR COM OS YANOMANIS" (Drummond de Andrade)

CARTA DO CACIQUE SEATHL

Carta do cacique Seathl, da tribo Duwamish, do Estado de Washington, ao Presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, em 1855, depois de o Governo ter dado a entender que desejava adquirir o território da tribo.

"O grande chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também de sua amizade e sua benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não necessita da nossa amizade. Porém, vamos pensar em tua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe em Washington pode confiar no que o chefe Seathl diz, com a mesma certeza com que os nossos irmãos brancos podem confiar na alternância das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas - não empalidecem.

Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia nos é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar nem do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre o nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de a exaurir, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo do seu pai, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece as sepulturas dos antepassados e o direito dos filhos. Sua ganancia empobrecerá a terra e deixará atrás de si os desertos. A vista de tuas cidades é um tormento para os olhos do homem vermelho. Mas talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é para mim uma afronta aos ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo, à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho. Porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar - animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo ele é insensível ao ar fétido.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição. O homem branco deve tratar os animais com se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser certo de outra forma. Vi milhares de bisões após drecendo nas pradarias abandonadas pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão que nós - os índios - matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas, até mesmo uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos nos bosques, sobrará para chorar sobre os túmulos um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, e o homem branco talvez a descobrirá um dia: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julgas, talvez, que o podes possuir da mesma maneira como desejas possuir a nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer bem igualmente ao homem vermelho

como ao branco. A terra é amada por Ele. E causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador. O homem branco vai desaparecer, talvez mais depressa que as outras raças. Continua poluindo a tua própria cama! e hás de morrer uma noite, sufocado nos teus próprios dejetos! Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, e quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam - onde ficarão os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha e à caça, o fim da vida e o começo da luta para sobreviver.

Talvez compreendêssemos se conhecêssemos com que sonha o homem branco, se soubêssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas lonhas noites de inverno, que visões do futuro oferece às suas mentes para que possam formar os desejos para o dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos, temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos, é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias conforme desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueças como era a terra quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder, e todo o teu coração - conserva-a para teus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem pode evitar o nosso destino comum".

TESTAMENTO

Um dia joguem minhas cinzas
Na corrente desse rio
E plantem meu adubo
Na semente de meu filho
Cuidem bem de minha esposa
Do amigo, do ninho
E do presente que foi prometido
Pro ano seguinte
Na reserva desse índio
Clamo forte por clareira
Soprem meus sentidos
Pela vida que descubro
Cuidem bem de minha casa
Tão cheia, meninos
Tome conta de aquilo tudo
Em que acredito
Juntem todas minhas cinzas
Ao poema desse rio
E plantem meu adubo
Na semente de meu povo
Cuidem bem de minha esposa
Do amigo, do ninho
E do presente que foi prometido
Pro ano seguinte
Na reserva desse índio
Clamo forte por um rio
Soprem meus sentidos
Pela vida de meu filho
Cuidem bem de minha casa
Tão cheia, meninos
Tome conta de aquilo tudo
Em que acredito
E juntem todas minhas cinzas
Ao poema desse povo.

Música de Nelson Angelo e Milton Nascimento

O ÍNDIO

No princípio era o índio. E as matas, florestas, animais de todas as espécies e rios de águas claras e muitos peixes. O ar era puro e poucas, muito poucas as doenças. Divididos em nações, grupos, tribos, eram 3 milhões de indivíduos que nem a carne conheciam.

Zelosos do patrimônio conquistado, eles tinham uma economia apenas extrativa - caçavam e pescavam para comer - mas não destrutiva. Intuitivamente, sabiam que da conservação da natureza que os cercava dependia sua própria sobrevivência.

Provenientes da Ásia, eles chegaram às terras americanas há mais de 12 mil anos, atravessando o estreito de Bering e o istmo do Paraná, tornaram-se os verdadeiros donos do continente, até que os brancos vieram.

Com os novos conquistadores também chegava o mal: a cupidez, escravidão, destruição, doenças. E muito mais do que às lutas e guerras de extermínio, todo um povo sucumbiu ao aliado mais poderoso que os europeus traziam em seu sangue: aos milhares de cada vez, os índios foram dizimados pelos vírus das doenças venéreas, da tuberculose e até do sarampo.

No litoral eles foram praticamente exterminados. Os do interior esconderam-se cada vez mais, nas selvas e uns poucos sobreviveram até hoje. Heroicamente mantêm seus costumes, tradições e sua vida sadia. Por enquanto.

Porque o homem branco não matou apenas os índios. Seu progresso também tornou o ar poluído, sua ganância derrubou florestas e criou desertos, e nem animais mais há na abundância de antigamente. E em sua faina assassina, ele continua avançando, olhos ávidos postos nos últimos santuários, no que restou de nossa natureza.

No ocaso de um povo, ninguém sabe ao certo - nem a FUNAI - quantos índios ainda restam no Brasil, calculando-se um número entre 100 e 200 mil, embora muitos digam que não chegam para lotar metade do Maracanã. Ao certo, sabe-se que só na primeira metade deste século, 98 nações indígenas desapareceram.

Com mais de 150 línguas conhecidas, os sobreviventes são agrupados em reservas e parques nacionais, enquanto ainda se discute uma possível emancipação que, no entender de muitos antropólogos, seria a solução final - o fim da raça. Transformados em mendigos, sujeitos a prisões e leis que não podem entender, perderiam as últimas terras que o Governo lhes reservou - a maioria ainda no papel.

Nossos índios, hoje, vivem em 17 parques nacionais - entre eles, o do Xingu, Itatiaia, Iguaçu e das Emas - áreas de reservas e junto a missões religiosas. Ao todo, são 65 as áreas indígenas já demarcadas, representando 12 milhões 161 mil 250 ha. De áreas apenas delimitadas e não demarcadas existem 13 milhões 847 mil 688 ha, em 14 Estados. Em demarcação, ou a serem demarcadas, existem mais 11 áreas, num total de 1 milhão 100 mil ha.

A Fundação Nacional do Índio - FUNAI - é o órgão encarregado de defender seus interesses - o que nem sempre conseguiu ou fez bem - e os índios a procuram para resolver os vários problemas que lhes são ainda criados pelos brancos, como invasão de terras, choques armados, etc., e alguns já têm até consciência de seus direitos: em discussão recente com um presidente interino do órgão, o cacique Aniceto afirmou: "Fale baixo, você é empregado do índio".

E esta consciência, se estendida também ao homem branco que nada respeita em sua sede insaciável e não vê mal na derrubada de florestas se a terra que ficar - destruída a ecologia - puder produzir ouro, poderá ser a salvação dos nossos irmãos que conseguiram o que a nossa civilização, hoje, já nem sonha: viver livres, em comunhão com a natureza.

Fragmentos

O destino do índio, o habitante das terras descobertas pelos ocidentais a partir da época das grandes navegações, tem sido irremediavelmente o mesmo em todas as partes: a extinção, de fato ou cultural. Seja pelo genocídio sistemático, através do combate desigual, como no caso das Américas do Norte e Espanhola, seja pela tutela dúbia, que ora o protege, ora o escraviza, como no caso brasileiro, o fim é sempre igual: peles-vermelhas marginalizados como cidadãos de quinta categoria, reduzidos a reservas miseráveis e consumidos pelo álcool e a falta de horizontes, ou kreen-akarores nus e doentes pedindo esmolas com os filhos aos turistas da Transamazônica.

"Nossa terra é nossa vida, dela dependemos para viver, sem ela morremos".

A emancipação dos índios trará a destribalização das comunidades indígenas, conseqüentemente a destruição coletiva e individual de seus componentes.

Porque o índio tem de viver em comunidades próprias, em plena liberdade de tradição cultural e liberdade de possuir a terra.

Certa vez, um dos representantes dos índios Xavantes foi impedido de chegar até as autoridades de Brasília por não usar terno. Da mesma forma, os Xavantes proibiram qualquer Deputado de por os pés numa terra Xavante, a menos que usasse uma cobertura para o pênis, pintasse o corpo e usasse penas nos cabelos.

Desse modo, os índios Xavantes conquistaram o direito de serem recebidos como eles são, e não como desejam que eles sejam.

Um índio da Amazônia sobre o encontro com a civilização:

Sabíamos tudo sobre vocês antes de vocês nos encontrarem. Sabíamos dos aviões, dos barcos, da fumaça no horizonte, a caça ficando cada vez mais rara, quanto mais perto vocês chegavam... Animais com feridas de bala. Depois o encontro final.

Sempre soubemos que os brancos viriam. Não existe tribo tão isolada que não sabe disso.

Canção Amiga

Eu preparo uma canção
Em que minha mãe se reconheça
Todas as mães se reconheçam
E que fale como dois olhos
Caminho por uma rua
Que passa em muitos países
Se não me vêm, eu vejo
E saúdo velhos amigos
Eu distribuo um segredo
Como quem ama ou sorri
No jeito mais natural
Dois carinhos se procuram
Minha vida, nossas vidas
Formam um só diamante
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas
Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crinaças

Carlos Drummond de Andrade

Até o próximo Boletim do CERJ.

e também para julho está sendo programada uma excursão ao Planalto de ITATIAIA, com ônibus, e Travessia Maua-Rebuças. Não Perca. PARTICIPE